

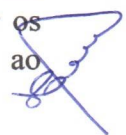


ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

ATA DA 3ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 3º PERÍODO DA 19ª LEGISLATURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS-PB, PARA DEBATER O TEMA: “SITUAÇÃO HÍDRICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PATOS-PB”, REALIZADA NO DIA 20 DE MAIO DE 2026.

Aos vinte dias do mês de maio do ano dois mil e vinte e seis, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Bela Vista, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelos Vereadores: Marco César Souza Siqueira, 1º secretário “Ad hoc”, e Rafael Gomes Dantas, 2º secretário “Ad hoc”. Compareceram a esta sessão os Vereadores e Vereadoras: David Carneiro Maia (REDE), Decilânio Cândido da Silva (REPUBLICANOS), Francisco Simões de Lucena (REPUBLICANOS), Héber Tiburtino Leite (PROGRESISTAS), Jonatas Kaiky de Oliveira Santana (REPUBLICANOS), Maikon Roberto Minervino (PP), Marco César Souza Siqueira (PSB), Maria de Fátima Medeiros de Maria (REPUBLICANOS), Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes (REPUBLICANOS), Rafael Gomes Dantas (União Brasil) e Valtide Paulino Santos (REPUBLICANOS), em um total de 11 (onze) Vereadores. Por solicitação da senhora Presidente, os Vereadores Jonatas Kaiky e Maikon Minervino receberam os seguintes convidados: o Professor Doutor em Meteorologia, Mário Leitão; Ricardo Ramalho, Presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Piancó-Piranhas-Açu; Samanta Xavier, responsável pela água mineral Croatá e Croatá EcoTur; Jônatas Raolino, gerente regional da CAGEPA; Mozart Marques, gerente regional da AESA; Alex Wagner, Secretário de Meio Ambiente; Willami Lucena, vereador licenciado e Secretário de Agricultura; o Professor Patrício; o Professor Wendel. A Senhora Presidente registrou as presenças de: Kival Júnior, Presidente da Câmara de São Mamede; Francisco Bezerra, Presidente da Câmara de Santa Terezinha; Sebastião Alves de Moraes, Presidente da Câmara de Catingueira; Ewerton Iran, Vereador de São Mamede; Gilvandro Andrade, vereador da Câmara Municipal de Passagem; Manoel Florentino, vereador de São José do Bonfim; Eliana Marques, Aelson Soares e Nêga Leonel, vereadores de Catingueira; Catarina Campos, Presidente da Câmara de Teixeira; Pedro Henrique, vereador de Teixeira; Guaray Martins, extensionista rural da EMPAER; Marinaldo Magalhães, diretor da ECI Monsenhor Manoel Vieira; Juraci Barbalho, servidor da CAGEPA; alunos da Escola ECI-PREMEN; Samara Oliveira, Presidente do Conselho Municipal da Mulher; Thiago Padilha, da CECAB-PB. A Senhora Presidente declarou aberta a Sessão: “Havendo número regimental, invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos trabalhos”, em seguida, passou a palavra ao 1º secretário. O qual, após cumprimentar a todos, fez a seguinte leitura: “PODER LEGISLATIVO. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. GABINETE DO VEREADOR HÉBER TIBURTINO. REQUERIMENTO Nº 06/2026 – SOLICITA O DEFERIMENTO DE AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA FINS DE DEBATER A SITUAÇÃO HÍDRICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PATOS.

DESTACANDO A VIABILIDADE DA TRANSPOSIÇÃO DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO PARA OS MANANCIAIS DA REGIÃO METROPOLITANA, DESTACANDO A BARRAGEM DA CAPOEIRA, AÇUDE DO JATOBÁ, BARRAGEM DA FARINHA, RIO DA CRUZ E RIO ESPINHARAS. JUSTIFICATIVA: A presente solicitação de deferimento de audiência pública tem por finalidade promover um amplo e qualificado debate acerca da situação hídrica da Região Metropolitana de Patos, que historicamente enfrenta severas dificuldades no abastecimento de água, agravadas pelos efeitos recorrentes das estiagens prolongadas, pelo crescimento populacional e pela pressão sobre os mananciais existentes. A segurança hídrica constitui direito fundamental da população e pressuposto indispensável para o desenvolvimento social, econômico e ambiental da região. Nesse contexto, torna-se imprescindível a discussão de alternativas estruturantes e sustentáveis capazes de assegurar o abastecimento regular de água para os municípios que integram a Região Metropolitana de Patos. Destaca-se, nesse cenário, a viabilidade da transposição das águas do Rio São Francisco para os mananciais estratégicos da região, medida que se apresenta como solução de médio e longo prazo, capaz de fortalecer o sistema hídrico regional e reduzir a vulnerabilidade das populações aos ciclos de seca. Entre os mananciais com potencial de integração ao sistema de transposição, merecem especial atenção a Barragem da Capoeira, o Açude do Jatobá, a Barragem da Farinha, bem como os leitos do Rio da Cruz e do Rio Espinharas, que desempenham papel fundamental no abastecimento humano, na dessedentação animal e no suporte às atividades produtivas locais. A realização da audiência pública permitirá a participação de representantes dos poderes públicos, órgãos gestores de recursos hídricos, especialistas, lideranças comunitárias e da sociedade civil, promovendo a transparência, o diálogo institucional e a construção coletiva de soluções técnicas e politicamente viáveis. Ademais, o debate contribuirá para o fortalecimento do planejamento hídrico regional, alinhado às políticas públicas estaduais e federais, especialmente no que tange ao aproveitamento racional das águas da transposição do Rio São Francisco. Diante da relevância do tema e do interesse público envolvido, mostra-se plenamente justificado o deferimento da audiência pública, como instrumento democrático essencial para a busca de soluções eficazes e duradouras para a crise hídrica que afeta a região metropolitana de Patos. SALA DAS COMISSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS – PB. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. Em, 15 de janeiro de 2026. Héber Tiburtino Leite – VEREADOR/AUTOR.” A Senhora Presidente ainda registrou as presenças de Alex Amorim, Secretário de Articulação Política de Teixeira. Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Héber Tiburtino Leite**: “Boa noite a todos e a todas. Em nome da Senhora Presidente Tide Eduardo, saúdo todos os vereadores e vereadoras, não só do município de Patos, mas todos os vereadores e vereadoras da região metropolitana de Patos que aqui estão presentes; também aqueles que não puderam estar aqui por motivo maior, que já foi nos passados. Saúdo também população da região das Espinharas. Saúdo líderes comunitários, líderes religiosos, representantes de conselhos municipais aqui presentes, servidores públicos dos mais diversos órgãos, em especial destacar aqui a presença de servidores da CAGEPA do município de Patos, da EMPAER, da Secretaria de Agricultura, de recursos hídricos e de meio ambiente do nosso município, povo em geral. A Audiência de hoje é uma audiência, amigos e amigas, que a gente, como vereador, e eu acredito também que até os vereadores que vieram dos outros municípios, estão muito ansiosos para ouvir os técnicos que a gente convidou. E aqui eu quero já agradecer, nominalmente, ao



Professor Wedel, Professor Mário Leitão; Doutor Ricardo Ramalho, que é advogado como eu, lá do Vale do Piancó; Secretário Willami da Farmácia; Professor Patrício; Samanta Xavier, representante da água Croatá; Mozart da AESA; Jônatas Raolim da CAGEPA, e ao Secretário de Meio Ambiente do nosso município. Então dizer que vocês são muito importantes para a construção da segurança hídrica da nossa região. E aqui, no final desta Audiência, para não me alongar, nós iremos assinar uma carta de intenções que envolve nove pontos. Essa carta, eu enviei a minuta previamente para os profissionais que irão debater aqui, e nós iremos dar ciência à população e encaminhar para alguns órgãos. Defender o fortalecimento e a ampliação do Rio São Francisco como instrumento permanente de segurança hídrica. Apoiar a ampliação da vazão do eixo norte da transposição, em especial para o Estado da Paraíba. Apoiar a realização de estudos técnicos destinados a um novo manancial para a região metropolitana de Patos. Incentivar políticas públicas voltadas para preservação ambiental e recuperação de nascentes. Promover ações educativas de sustentabilidade, principalmente junto às escolas, universidades, associações e comunidades rurais. Estimular campanhas permanentes de conscientização sobre economia da água. Fortalecer a participação popular, como esta Audiência Pública nas discussões da segurança hídrica. Buscar integrações entre os municípios da região metropolitana de Patos, esse é um grande ponto, só o município de Patos não vai chegar ao nosso objetivo, que é a segurança hídrica. É importante a participação de todos os municípios de nossa região. E, por fim, encaminhar, esta carta de intenções ao Governo Federal, Estadual, Municipal, bem como aos órgãos responsáveis pela gestão hídrica e ambiental. Então, meus amigos e minhas amigas, desfrutem da noite. Uma boa noite e muito obrigado a todos os que se fizeram presentes aqui". Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra

Doutor Mário Leitão: "Boa noite a todos e a todas. Eu gostaria inicialmente de dizer, Tide, a todos os colegas vereadores - colegas, porque todos são sertanejos como eu, e a todos da plateia, nós aqui representamos o Sertão da Paraíba. Eu sou patoense, ingressei na Meteorologia exatamente pela seca. Quando eu tinha sete anos de idade eu decidi estudar Meteorologia, na seca de 1958. Isso é um problema do Nordeste Brasileiro, especialmente do semiárido. E vejam: é muito interessante eu iniciar dizendo o seguinte: gostaria de mandar um abraço especial para um colega de infância, Guaray Martins, na Praça João Pessoa fomos criados, hoje, Praça Edvaldo Mota. E a todos os amigos que se encontram, a todos que não me conhecem, eu tenho o maior prazer em vir aqui, Tide, porque quando eu vi você sentada aí, eu me lembrei que o meu avô, Joaquim Leitão de Araújo, foi Presidente desta Casa em dois mandatos. Então é um prazer estar aqui. Eu estive outro dia aqui, e não encontrei seu retrato, e o amigo Héber providenciou isso. Então eu me sinto até emocionado em estar aqui. E um dos Projetos do meu avô foi a Ponte do Juá Doce, que só saiu anos depois que ele morreu, mas saiu. Então, veja, a seca no Nordeste já existe há milhões de anos, e ela vai continuar milhões de anos para frente, por quê? Eu costumo dizer isso em minhas palestras pelo Brasil, quando Deus criou o mundo Ele já definiu aquelas áreas que chovem muito, as que não chovem, e as que chovem um pouco ou médio. Para vocês terem ideia da terra, muita gente não sabe, existe um lugar na Colômbia que chove treze mil milímetros por ano, são treze metros de água. Mas existe também na América do Sul, o Deserto do Atacama, que nunca choveu. Nunca choveu. O Deserto do Saara já passou trezentos anos de seca, o ano 1200 a.C. Então isso é uma regra da natureza e vai depender muito de vários fatores, principalmente do resfriamento ou do aquecimento dos oceanos, que representa 71% (setenta e um por cento) da superfície da Terra. Então quem controla o clima na

Terra são os oceanos. Por exemplo, a maior década de seca no semiárido brasileiro foi na década de cinquenta, de cinquenta e um até cinquenta e nove foi seco, mas não foi o El Niño, não; o El Niño só apareceu em cinquenta e oito; foi o resfriamento do oceano na costa do Nordeste. O movimento de rotação gera ventos alísios, que é quando a água evapora no oceano, aqui na nossa Costa. E a gente pode fazer um balanço disso, quem vai à praia lá em Cabedelo, João Pessoa, Tambaba, qualquer uma daquelas praias, quando sentir a água quente, em janeiro, pode ter certeza que a gente não vai ter um inverno ruim. Então só um detalhezinho importante aqui, pouca gente sabe disso, não sei se os vereadores sabem, já houve chuva em Patos, aqui, no ano de 1924 e no Nordeste brasileiro, pasmem, dois mil e quatrocentos milímetros, o que significa que caiu, por metro quadrado, dois mil e quatrocentos litros de água. A média de Patos é setecentos e cinquenta milímetros. Eu tenho esses dados desde 1910. Teve lugar no Ceará que choveu três mil milímetros. Maceió quase se acaba. Aquela enchente no Rio Grande do Sul, é importante eu colocar isso, já é registrada há trezentos e setenta anos. Agora, a última que tinha acontecido foi em 1943, onde Porto Alegre tinha duzentos e setenta mil habitantes, e hoje tem um milhão e meio. Foram invadindo as áreas próximas do Rio Guaíba e do Lago Guaíba. Existia até então quarenta bombas, porque a maior parte de Porto Alegre fica um metro abaixo do nível médio do mar. Quando o Rio Guaíba vem com muita água, ele não consegue colocar no mar, dar retorno, e alaga. Então existiam quarenta bombas potentes para tirar essa água. Infelizmente acharam que não viria mais essa situação, e choveu muito no Rio Grande do Sul todo, e o sufoco foi grande, mas não foi por causa da chuva, não, é porque trinta e oito bombas estavam desligadas e quebradas, só tinha duas funcionando. Ou seja, a natureza vai sempre ter essa questão. Outra coisa que é imprevisível, vocês não ouvem em jornal, porque o cara que mais fala meteorologia no Brasil, ele não é meteorologista, ele é eletricitista. Na graduação, eu fiz cinquenta e quatro disciplinas para me tornar Bacharel em Meteorologia. Você entrar numa pós-graduação não é diferente. Eu fui representante do Brasil, por dez anos, na Organização Meteorológica Mundial, que é o órgão oficial da ONU, para o mundo inteiro em relação a meteorologia. Então tem muitas inverdades, muito terrorismo. Outra coisa, ninguém ouve falar que além do Sol, que o Sol tem hora; o Sol não é bem comportado como a gente imagina, não. O Sol, aqui em Patos, no mês de setembro, outubro, novembro, ele joga aqui, no metro quadrado, trinta milhões de watts. A primeira coisa eu queria dizer, a maior burrice hoje ou falta de visão, é a gente gerar energia a partir de água. Nós somos o lugar do planeta terra que mais chega energia solar; nós somos o lugar do Brasil que tem a menor quantidade de água armazenada. Eu saí de Petrolina hoje, o Rio São Francisco está liberando, na Barragem e Sobradinho, mil novecentos e cinquenta metros cúbicos por segundo, pra gerar energia pra o Sudeste do Brasil. Essa água deveria ser distribuída pra todo esse rincão Nordestino, e gerar energia elétrica, porque nós já os maiores produtores de energia solar do Brasil. Nós somos hoje, o maior gerador de energia eólica. Então eu tenho dito isso, eu dou palestra, participo de Congresso no Brasil inteiro, faço parte da Sociedade Brasileira de Meteorologia, e esse ano eu completei cinquenta e um anos de profissão. Comecei observador meteorológico na Estação Meteorológica oficial, que ela pertence a rede mundial, ali no Jatobá, em mil novecentos e setenta e cinco. Então, o que é que eu quero dizer com isso? Antes da gente chegar no ápice, talvez eu não esteja vivo, mas quem ouvir isso aqui, pode anotar aí: o Nordeste Brasileiro vai ser o maior produtor de frutas e um dos maiores produtores agrícolas do mundo, porque aqui a gente tem uma coisa que o mundo não tem: energia solar, como eu acabei de dizer. Onde tiver energia.

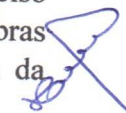
5

voce pode levar água, agora onde tiver água, voce não pode levar energia solar não. E um privilégio ter energia solar. A gente se queixa da queimadura, planta se desenvolve através da fotossíntese, energia transformada em composição química. Fotossíntese é transformação de energia solar em energia química. Então, os Árabes já estão fazendo isso. O mar não é tão longe daqui, não; água você não precisa ter tanto esforço, você leva por tubulação, por adução. O que eu quero dizer a vocês, que no dia que a gente tiver coragem, capacidade de dessalinizar água lá no nosso litoral e trazer pra esse sertão, ninguém no mundo concorre com isso aqui não. Em Petrolina é produzido, por ano, três safas de uva. No Rio Grande do Sul, que antes só produzia uva lá, só produz uma, precisa do sol de outubro, de novembro, de dezembro para produzir. Aqui a gente produz o ano inteiro. Petrolina exporta noventa e três por cento da uva que o Brasil manda para o exterior, e noventa por cento da manga, por causa da irrigação e por causa do sol que tem lá. Você imagina a agente ter água no semiárido Nordeste. Ai, Hebinho, voce que foi o autor dessa proposta, eu lhe parabeno, e eu digo a vocês: eu estou aqui como um profissional, mas acima de tudo eu estou como um patoense que ama a minha terra. Estou doído pra chegar julho agora, que eu quero me aposentar e voltar pra minha terra. Então eu tive oportunidade, e não vai dar tempo eu passar aqui, de filmar desde a captação de água no Rio São Francisco, a passagem dela até chegar em Monteiro, na Paraíba; estou com isso tudo em vídeo, pra mostrar que isso não é difícil. E estudei. Tem duas versões, essa que é colocada, que é mais fácil, e já fui até o canal em Santa Helena, lá perto de Cajazeiras, tudo isso eu já andei. Então, nós temos duas opções. Agora, diante da grandeza que é isso, não só pra nossa região, a agente pode beneficiar também o Rio Grande do Norte, custaria um pouco mais, mas nós vamos transformar isso aqui numa Petrolina, numa Juazeiro, se a gente conseguisse trazer essa água do canal de Sertânia, que passa daqui há cento e trinta quilômetros. E sabe onde a gente jogaria isso? Em Santo Aleixo, lá em Maturéia, e transformaria o Rio da Cruz num rio perene pra sempre. Construir o Espinho Branco, pra levar essa água e jogar no Jatobá, o Jatobá nunca mais seria problema para Patos, e ainda soltava água pra irrigar São José de Espinharas, Paulista, São Bento e quem tiver no caminho. Isso se tornaria um projeto de três Estados, por onde passar. O Estado mais beneficiado dessa transposição é Pernambuco, tem vinte e três lagos, e desses lagos é transferido água para muitas cidades do Pernambuco, através de carro pipa. Mas veja, já está chegando água por adução até em Teixeira. Então, gente, como é tempo aqui é curto, eu poderia ficar falando muito a vocês, mas eu digo o seguinte: a solução definitiva é essa, da gente dessalinizar a água do mar. Não sei se vocês sabem, muita gente não sabe, a Arábia Saudita está fazendo isso e está criando cidades em pleno deserto, onde não tem água; esta levando água por adução. Israel é o maior produtor de fruta do mundo, dentro de um deserto, um país deste tamanho. Sabe por que? Porque faz isso, leva por adução pra todo canto. E lá eles não têm o privilégio da energia solar que a gente tem. A gente pode fazer isso, gerar energia, através de células fotovoltaicas, que são as células solares, e isso é muito importante. Eu só dar um exemplo aqui a vocês: cada um de vocês, se puder, instale o sistema na sua casa. Eu cheguei a pagar mil e duzentos e cinquenta reais, por mês, de energia solar. Eu instalei na minha casa, hoje eu pago a taxa: noventa e cinco a cento e vinte reais, por mês. Ou seja, são dez por cento do que eu pagava do que eu pagava antes. Vocês imaginem o potencial, que a gente já tem muito, mas se a gente transformar esse Nordeste, agora com cuidado, vamos ter cuidado também pra gente não destruir o Meio Ambiente. A gente pode aproveitar muitos cursos, e estudar de firma correta. Eu tenho trabalhado muito na agrometeorologia, eu vou dar um

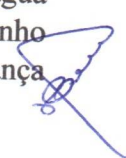
exemplo pra vocês aqui: a minha tese de Doutorado foi dentro da Floresta Amazônica, eu sou o primeiro brasileiro a estudar a Floresta Amazônica, estudei três áreas da Floresta. Aprendi muito energia solar. Eu cheguei em Mossoró, e a maior empresa Agroindustrial do Brasil era MAISA – Mossoró Agroindustrial S/A, mas a produção de manga era pequena, e eu fui olhar. Estudei, e como eu disse a você, eu disse pra o meu orientando, que era um professor de lá, o Professor José Espino, que o problema era energia solar. E ele disse assim: ‘Professor, a gente só falta morrer de calor em Mossoró’. Eu disse: É, mas não entra energia no pomar. E eu criei podas, o que eu chamo podas nordestinas, fiz o cálculo de como a energia solar, de agosto a fevereiro, poderia penetrar do nascer ao pôr do sol, e eu consegui aumentar a produtividade de setenta e três por cento; sem fazer nada, só deixando a luz entrar. Vejam como é importante a luz do sol”. O **Vereador Héber Tiburtino** fez a seguinte intervenção: “Seu Mário, eu sei que ouvir o Senhor, com tanto conhecimento, a gente teria que passar aqui uma hora, duas horas ouvindo. A gente tem a questão regimental, vamos deliberar aqui mais dois minutos pra o senhor”. O Orador disse: “Obrigado. Realmente é muito tempo, e como eu sou professor há quarenta e três anos de Universidade, a gente aprende a falar um pouco. Então, veja, concluindo: Gente, a gente está aí, veja que o Nordeste esperou cento e setenta anos pela transposição do Rio São Francisco. Enquanto os Presidentes do Brasil não era do Nordeste, a gente não teve essa chance. E ainda tem uma aí, quem sabe se não é importante a gente aproveitar essa oportunidade e transformar não Patos, mas o Nordeste do Brasil. Eu digo a vocês com convicção científica, nós podemos ser já, essa outra é uma solução definitiva, a do mar, mas nós podemos trabalhar isso juntos. Se a gente fizer isso, eu tenho certeza que a maravilhosa capital do sertão vai ser bem-sucedida, mas também vai ser Catingueira, vai ser Teixeira, vai ser muita gente do Nordeste Brasileiro, e especialmente da nossa região. Desculpe ter passado do tempo. Se me deixar falar, eu falo muito. Um abraço pra todos”. Em seguida, a Senhora Presidente registrou as presenças de: Milena Fontes, vereadora de Malta; Neoclécio Batista, vereador de São Mamede; Pedro Matos, subgerente de manutenção da CAGEPA, e Leticia Barbalho, subgerente da Operação da CAGEPA. Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra o Senhor **Ricardo Ramalho**: “Boa noite a todos e a todas. Cumprimento aqui todos os vereadores, em nome do Vereador Héber, e o parabeno pela iniciativa. Eu me chamo Ricardo Ramalho Lins, estou Presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica dos Rios Piancó/Piranhas/Assú, bacia que tem uma abrangência de quarenta e dois mil quilômetros quadrados, nascendo ali no Rio Piancó, no Vale do Piancó, até a foz em Macau, lá no Rio Grande do Norte. Então a imensa responsabilidade de fazer parte e presidir esse tão importante colegiado. E pra quem não conhece, o que é que faz um Comitê de Bacia, qual a função de um Comitê de Bacia? Os Comitês de Bacias foram instituídos, a partir da Lei 9.433/97, como verdadeiros parlamentos das águas, é onde você tem a junção dos diversos atores que compõem uma bacia hidrográfica, e a partir do poder público, sociedade civil e usuários, você formata uma composição pra deliberar e discutir questões da governança hídrica de uma bacia hidrográfica. E é isso que o Comitê tem feito. Assumimos o Comitê há dois anos, esse Comitê tem aproximadamente dezesseis anos na sua criação, por decreto presidencial, já que nós somos um Comitê Federal, Interestadual, em razão de um rio de domínio da União. E nos últimos anos, nós evoluímos muito na gestão de recursos hídricos, a partir da implementação dos instrumentos de gestão, por exemplo, o nosso Plenário aprovou, o ano passado, a cobrança pelo uso da água bruta. Está prevista desde da Constituinte de oitenta e oito, a água precisa ter um valor econômico, ela precisa ser dotada desse valor.



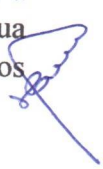
econômico, pra que ela seja valorizada. E esse recurso da cobrança é reinvestido, obrigatoriamente aplicado, prioritariamente, dentro da bacia hidrográfica. A partir de dois mil e vinte e sete, nós já iniciamos a primeira boletagem da nossa bacia, com previsão de arrecadação de aproximadamente dez milhões de reais, que serão investidos em ações do nosso plano de bacia – desde revitalização de nascentes, implantação de programas como produtor de água, e diversas iniciativas, que vão justamente permitir a oferta de água, tanto em quantidade, como em qualidade. Às vezes nós nos preocupamos com a oferta de água em quantidade, mas também devemos nos preocupar com a qualidade. Qual é o rio que nós temos hoje? Qual é o rio que nós queremos para o futuro? Qual é o rio que nós vamos deixar pra os nossos filhos, pra os nossos netos? E essa discussão está sendo travada dentro do Comitê, dentro dos órgãos gestores, em parceria, aqui na Paraíba, com AESA, lá no Rio Grande do Norte, com ENGARNE, a nível nacional com a ANA – Agência Nacional de Águas, e o Ministério da Integração e Desenvolvimento. Então, resumidamente, esse é o papel do Comitê de Bacia. E eu ouvi aqui, atentamente, o professor falando sobre a questão climática, e nós temos acompanhado com muita preocupação. Apesar da recuperação, de certa forma, satisfatória, de alguns reservatórios da nossa bacia, a exemplo do Engenheiro Ávidos, que já passou dos cento e setenta milhões de metros cúbicos, Coremas, que está ali num estágio verde, entre cinquenta e um por cento da sua capacidade, isso permite os atendimentos dos usos que estão outorgados no sistema, mas nós temos um horizonte muito desafiador pra todos nós. Não falo só para os órgãos gestores, para o Comitê, mas pra a sociedade como um todo. E daí a importância do envolvimento do Poder Legislativo, do Poder Executivo, das Câmaras, das Prefeituras, que a agenda água esteja no topo das prioridades. É preciso que se discuta água na Universidade, na academia. É preciso que se discuta água na Igreja, na Câmara, em todos os parlamentos, porque sem água não tem desenvolvimento econômico, sem água não tem vida. Então nós aqui, sertanejos, somos a civilização da açudagem, nós aprendemos desenvolver as nossas cidades a partir de reservatórios, de açudes, de rios. E a partir desses reservatórios, conseguimos evoluir aqui no sertão, no semiárido do Nordeste setentrional, que naturalmente, como o professor falou, nós sofremos de um déficit hídrico enorme; o sol realmente, na maioria das vezes nos prega peças. A gente tem uma pluviometria de oitocentos milímetros, e perdemos mil, mil e quinhentos, até dois mil milímetros para o sol. Então nós sempre estamos devendo. E isso exige um desfaio muito grande na gestão de recursos hídricos. E o Comitê de Bacia tem sido um aliado nesse processo, em conjunto com os órgãos gestores. E aí falamos de transposição do Rio São Francisco, esse projeto tão importante, que tem a finalidade de garantir segurança hídrica para o Nordeste Setentrional. Eu acho que o professor pode dizer mais ou menos a data exata, mas eu acho que mil e oitocentos e oitenta e seis nós tivemos uma das maiores secas da história do Nordeste. Foi lá que foi concebida a primeira ideia da transposição do Rio São Francisco. E nós perdemos nessa seca quinhentas mil pessoas. Essa seca foi mais mortal do que a Covid-19, proporcionalmente. Então nós perdemos todos o rebanho, que era a base da cultura do Nordeste, foi dizimado em de noventa por cento. Então vejam o impacto que é a ausência da água pode causar na economia, na vida das pessoas. E dali o Império concebeu a ideia inicial do projeto da Integração do São Francisco, trazer água do velho Chico, e alimentar aqui o Nordeste Setentrional, mas não se tinha tecnologia suficiente na época pra fazer. E aí, ironia do destino, foi preciso um retirante nordestino, fugindo da seca, fazer acontecer uma das maiores obras hídricas do planeta, do mundo, a transposição do Rio São Francisco. Mas além da



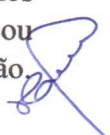
importância da estrutura do projeto, da construção de canais, de adutoras, é necessário também, principalmente, a governança dessas águas. Não adianta nós construirmos açudes, rios, adutoras, canais, e não sabermos como vamos usar essa água. O que é prioritário? Quem vai usar essa água? Como é que nós vamos usar? Qual o custo? Então tudo isso tem que ser discutido, aí eu trago aqui para discussão, recentemente, e aí é uma iniciativa pioneira aqui do Governo do Estado da Paraíba, através da AESA, que está discutindo plano de gestão das águas do São Francisco aqui no Estado da Paraíba, e tem um ponto muito importante na discussão desse plano de gestão, porque ele vai definir justamente os critérios de distribuição dessa água. O projeto de transposição do Rio São Francisco foi criado num mecanismo, onde o Governo Federal, através do MDR, executou o serviço, a obra, mas a manutenção dessa infraestrutura, a manutenção de funcionamento desse projeto vai caber aos Estados receptores Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. E esses Estados, através das tarifas de adução e de disponibilidade, vão justamente permitir que esse projeto continue de pé. E aí a decisão de alocação de água da transposição do São Francisco é uma decisão do estado receptor. A Paraíba, hoje, é um dos Estados mais beneficiado na transposição do Rio São Francisco, com a chegada do Ramal do Piancó, ainda mais o será. Porque nós temos hoje as chamadas TUDE, que são os portais de entrega da transposição, que estão disponíveis desde a minha região, que eu sou de Sousa, vizinho aqui, desde lá de Ávidos, São Gonçalo, Lagoa do Arroz, no Ramal do Apodi, futuramente o Piancó, e o Eixo Leste, ali em Monteiro. Então nós temos entradas de água em praticamente em todos Estado, mas essa água tem limitações. Você tem hoje a capacidade de transporte de vinte e seis metros por segundo, aproximadamente vinte e quatro, porque você tem as perdas, e você precisa dividir essa água para esses Estados receptores. Nesse bolo, nessa divisão, a Paraíba fica, em média, com algo em torno de cento e oitenta milhões de metros cúbicos, e ele precisa definir onde é que ele vai entregar essa água. Qual o critério que vai definir a entrega dessa água? Então é uma discussão que o Comitê tem indicado, e a gente tem sido a voz da sociedade nesse debate, por quê? Porque a transposição do São Francisco preciso atender a sua finalidade. Qual finalidade? Trazer segurança hídrica para as regiões beneficiadas diretas ou indiretamente. E pra que ele atenda essa prioridade, de maneira nenhuma essa decisão pode ser um critério meramente político, a tomada de decisão de um gestor; essa decisão tem que ser baseada em critérios técnicos, de acordo com os estudos e disponibilidade hídrica de cada região, de cada microbacia, de cada reservatório, quais são as demandas ali instaladas, desde as demandas existentes até aquelas demandas reprimidas, porque, quando a água chega, as pessoas que não estão produzindo, dizem: 'ah, chegou a água, agora eu vou produzir'. Então você tem um incremento de novas produções. E a discussão também, essa água, por ser uma água cara, a água da transposição do São Francisco custa hoje, em média, setenta centavos o metro cúbico, a Paraíba tem da sua fatia algo em torno de cento e oitenta milhões de metros cúbicos, ela paga por essa fatia. E ela precisa discutir isso. A AESA tem discutido isso, juntamente com o Comitê, como é que a gente vai definir esses critérios de distribuição, porque amanhã muda o governo, mudam-se os governos federais, mudam-se os governos estaduais, muda a presidência do Comitê, muda a Câmara de Vereadores, mas a gente precisa deixar um legado. E esse legado é justamente a segurança jurídica, baseada em critérios técnicos, de que essa água vai chegar, e que não vai ter ninguém interferindo politicamente pra que a água não atinja o seu objetivo. Então esse é o primeiro ponto crucial, porque, como eu tenho dito, não adianta você fazer as infraestruturas e você não ter capacidade de governança.



dessas águas. E a capacidade de governança passa pelo fortalecimento das instituições, fortalecimento do Comitê de Bacias, dos órgãos gestores, da Agência Nacional de Água, é preciso investir recursos pra isso. Recentemente, nós assumimos a Comissão Nacional de Revitalização de Bacias Hidrográficas. Veja, num âmbito nacional, estamos criando um Projeto de Lei, que vai ser enviado ao Presidente Lula, até o final do ano, e que vai criar política nacional de revitalização de bacias hidrográficas. Recursos que estão lá, previstos, a exemplo da privatização da ELETROBRÁS, dois bilhões de reais estão lá esperando um Projeto de Lei, onde se definam critérios de como esses recursos vão ser investidos nas bacias hidrográficas, quais são as bacias prioritárias. Então, resumindo, os desafios são imensos. Não adianta só trazer a água do Velho Chico, precisa fazer com que o Velho Chico também seja preservado, porque não adianta a gente cuidar aqui e não cuidar lá, a água não chega. E a gente também precisa ter a visão do que a gente tem para o horizonte. A ANA mesmo nos apresenta estudos climáticos preocupantes de que nós podemos ter nos próximos trinta uma redução na disponibilidade hídrica no Nordeste Setentrional, que pode chegar a trinta por cento do que nós temos hoje. Então você imagine, já num cenário de pressão, pelo uso das grandes cidades, com a diminuição de trinta por cento desses recursos. Então isso requer de nós muita resiliência. muita adaptação. Então eu agradeço pelo espaço, parabeno pela iniciativa. E o comitê está aberto à disposição pra discutir medidas ações que venham a contribuir com a oferta de água pra Patos, pra região metropolitana, pra toda Paraíba, pra toda região que são compreendidas pela nossa bacia do Piancó-Piranhas-Açu. Muito obrigado”. A Senhora Presidente registrou as presenças do Dr. Delmiro Neto e da Dra. Fabiana Simões. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a senhora **Samanda** Xavier: “Boa noite a todos e a todas. É uma alegria muito grande estar aqui. Saúdo toda a Casa e agradeço, desde já, o convite, fico feliz. E agora fiquei sem palavras diante de tantas mensagens bacanas aqui, mas estou representando uma empresa familiar, que é a minha família, a Água Mineral Croatá. Há mais de quinze anos a nossa empresa assumiu um compromisso que vai muito além do comércio de água. Ele vai passar uns slides para vocês conhecerem um pouco, quem ainda não conhece nossa região. Nós assumimos o compromisso de cuidar da vida e do futuro do nosso sertão. Este ano de dois mil e vinte seis, o tema do Dia Mundial da Água foi: ‘Água e Gênero’, e enfatizou a profunda e desproporcional relação entre a crise global da água e a desigualdade de gênero, destacando três pontos centrais. Dentre eles, está a questão da liderança feminina como solução. Na nossa cultura as mulheres são aquelas que cuidam da casa, lavam as roupas, fazem a comida, lavam as calçadas, então nós temos uma responsabilidade muito grande envolvida nesse âmbito. E onde está a liderança feminina nas tomadas de decisões? Eu me sinto muito feliz enquanto mulher, carregar essa bandeira da luta pela dignidade e pelo acesso a água. Nossa fonte e nossa sede ficam no município vizinho aqui, em Santana dos Garrotes, que também faz parte do Parque Nacional da Serra do Teixeira. Geograficamente, nós estamos muito próximos. Hoje somos sete fontes de águas minerais na Paraíba, seis estão no litoral e, uma, no sertão paraibano. A nossa principal distribuidora fica aqui em Patos. Então nós temos um compromisso muito grande com essa região. Eu nasci em Patos, minhas filhas também nasceram em Patos, estou em Patos há dezoito anos, quando retornei da faculdade pra assumir um concurso público no Hospital Regional de Patos, eu também sou psicóloga. Mas a cerca de oito anos a gente reside aqui, e foi quando eu abri a minha própria empresa pra que a gente pudesse fazer toda essa distribuição da água mineral Croatá. Ali ainda faltam alguns órgãos, como a ANA, alguns outros órgãos os



quais a gente respeita a questão da legislação. Mas, por lei, uma água mineral ela não pode passar por nenhum tipo de tratamento. Imaginem que essas águas que vocês estão bebendo agora, elas estão realmente in natura, do jeito que a gente tira do subsolo, a gente envasa. Então imaginem o compromisso que a gente tem que ter. A lei é só o início, é só a base, mas a gente tem que ter esse compromisso, compromisso legal e moral de cuidar das nossas nascentes. Nós temos um cuidado extremo com o meio ambiente. A Agência Nacional de Mineração, porque água mineral é considerada um bem mineral, nos impõe critérios rigorosos de proteção legal dessas fontes. E nós fazemos um trabalho de sustentabilidade. E pra gente ter a portaria de lavra, só para vocês terem noção, e nos rótulos dizem, foram cerca de doze anos pra gente conseguir a concessão do Estado pra gente poder explorar essa água. Então imaginem os critérios que uma água mineral passa pra poder ser envasada e distribuída. Então, em primeiro lugar, nós temos que entender a caatinga; a nossa água mineral é a única na Paraíba que está cercada pela caatinga. Então a gente tem que entender todo esse ciclo pra poder trabalhar em cima disso, da sustentabilidade, de não explorar essas fontes, de entender que a gente tem grandes períodos de estiagem. E o nosso olho d'água natural é uma das nascentes que deságua no Rio Piancó, que conseqüentemente deságua em Coremas, e como o professor falou, segue todo um percurso até chegar a Mossoró. Então nós temos uma grande responsabilidade, assim como outras fontes que a gente precisa proteger. Essa cadeia de proteção é fundamental pra segurança hídrica no nosso sertão. Nesses mais de quinze anos de empresa, a gente aprendeu que não existe a sustentabilidade apenas no papel, ela precisa acontecer no dia a dia, estando alinhado aos objetivos de desenvolvimento sustentáveis. E por isso a Croatá desenvolve uma série de ações práticas na sua estância. Através do ecoturismo, promovemos vivências rurais e utilizamos nossas trilhas ecológicas como uma ferramenta viva de conservação da caatinga. Mostramos para a comunidade, visitantes e turistas que a nossa floresta branca é rica, viva e ela precisa ser protegida pra que a água continue brotando. Hoje nós recebemos diversas escolas, grupos, instituições de vários municípios. A Croatá Ecotour, que é esse braço, essa outra empresa que foi criada pra dá conta desse lado da Croatá Água Mineral, tem cerca de três anos como empresa. A gente tem orgulho hoje de ter uma parceria sólida com a UFCG de Patos, que desenvolve um trabalho, hoje com o professor Doutor Eric Mariano, catalogando os pássaros da nossa reserva. A biodiversidade e a água caminham juntas, e a partir desse trabalho já estão surgindo outros trabalhos que estão dando embasamento pra que a gente trabalhe com a comunidade a importância do cuidado dos espaços. Nós temos também uma parceria firme com ASCAP – Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Patos, que faz um trabalho brilhante aqui na cidade. E além disso, temos um trabalho estruturado, e buscamos parceiros para tirá-lo do papel, focado na coleta de resíduos da zona rural, uma área que muitas vezes é esquecida quando se trata de projetos e políticas públicas. Humildemente, eu venho aqui dizer que a Croatá, e eu me emociono porque eu lembro da minha família, é uma marca forte em propósitos, e ainda é uma empresa pequena, mas nós temos grandes ideias, nós temos muitos anseios e parcerias importantes são necessárias pra que a gente consiga executar. O setor privado sozinho não consegue fazer tudo, então a gente precisa dar as mãos. Na verdade, ninguém faz nada sozinho, a gente precisa das parcerias com o poder público, com a sociedade civil, e nós estamos sempre à disposição pra que isso aconteça, porque nós sabemos da importância, nós vivemos isso. Sempre nos perguntam, é uma pergunta até capiciosa: ‘o poço não secou lá, não?’. A gente diz orgulhosamente: não, porque a gente trabalha respeitando a vazão.



Antigamente, quando eu era criança, eu achava que a gente tinha que vender água Croatá para o mundo inteiro, todo mundo tinha que beber Croatá, mas hoje a gente entende, obviamente, que não. Isso é um assunto que a gente pode até tratar lá, numa visita, quando vocês quiserem nos contactar. Também quero aproveitar pra reforçar a questão da educação ambiental como um instrumento de fortalecimento, de cuidado, de governança. As pessoas precisam se apropriar do que é seu, do seu entorno, a gente não tem como cuidar de uma coisa que a gente não conhece. Uma criança que não tem contato com a natureza, nós recebemos inúmeras crianças e adolescentes na nossa área que mal sabem andar num terreno irregular, porque hoje é tudo muito pavimentado, tudo muito cuidadoso, não pode melar de terra não pode pegar na planta. E lá a gente promove justamente essa vivência. Então, assim, a gente anseia que mais vivências como essas sejam ativadas nas escolas, nos espaços públicos, nas praças; que as praças sejam muito mais interativas para as crianças, adolescentes e os idosos também com a questão da acessibilidade. Outra preocupação nossa também, e aqui eu queria destacar, Vereador Héber, que eu acabei não colocando, é que Patos é um polo cultural universitário de grandes eventos. As festas movimentam a economia, e é claro que isso é excelente. O São João vem aí, mas o que fica depois que música desliga, depois que o corredor chega no pódio. O vilão aqui não é o plástico, mas o que se faz com ele ou o que não se faz. E aqui eu deixo um pedido também pra o cuidado, de repente uma lei que exija das empresas realizadoras de eventos de qualquer natureza, em Patos, um plano de manejo de resíduo pra esses eventos, porque quem lucra com o evento precisa também se responsabilizar por esses resíduos. Isso é justiça ambiental. Pra finalizar, a situação hídrica na nossa região não se resume a esperar chuva cair e estocá-la ou canalizá-la, ela depende de como tratamos o solo, as nascentes, os resíduos e o nosso consumo, nós precisamos também prestar a atenção na questão do nosso consumo. A Água Mineral Croatá está há mais de quinze anos fazendo a sua parte, protegendo a caatinga, também gerando emprego na nossa região, e engajando a comunidade. Estamos prontos para fazer mais, mas precisamos caminhar juntos, empresas, universidades. Como o colega Ricardo falou, a gente precisa envolver toda a sociedade. E eu agradeço imensamente esse espaço, é de grande valia. As pessoas que estão online nos assistindo também, muito obrigada por confiar na nossa empresa. E estamos sempre à disposição de todos vocês pra que conheçam de perto o santuário de onde nasce nossa água, e que cuida muito do nosso sertão". Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Professor Patrício Farias**: "Boa noite a todos. Saúdo a Mesa, bem como a sociedade civil aqui presente, todas as autoridades e, por meio do online, meu pai Hildo Farias, mais conhecido como Casa Grande, que está assistindo. Um abraço, meu pai. E agradecer o convite, Héber. Como Professor de Geografia de escolas aqui do município de Patos, eu tenho o dever, eu tenho a obrigação, aula a aula, de ter um trato especial com a questão hídrica. Se pensarmos um pouco, existe na nossa geografia a pegada hídrica, que nada mais é do que a mensuração do consumo da água, não apenas de beber a própria água, mas de todo trato de manejo da produção do cultivo ao transporte até chegar em um cafezinho que vocês vão tomar. Um quilo de carne bovina vai ter ao todo, aproximadamente, quinze mil litros de água, isso é muita água pra se produzir. E necessitamos desta água para produção. Se pensamos como o Plano Nacional de Crises Hídricas, que tem aqui no Brasil, estipulou-se dimensões, e uma delas é a dimensão humana, onde de dois mil e dezessete até o ano de dois mil e trinta e cinco nós iremos sair de pouco mais de sessenta e três milhões de pessoas para mais de setenta milhões de pessoas que estão em pontos críticos de água. Nós, como Município



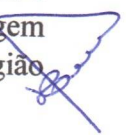
de Patos, como Populi aqui da Casa, como todos nós somos, temos a necessidade de pensar que estamos em um local de ponto crítico. Na geografia, pontos críticos a gente entende como hotspots. Aqui nós temos uma necessidade de atenção, e essa atenção vai ser como obrigação de sociedade de em uma sala de aula eu começar a conscientizar o aluno, que pode ser o seu filho, sua filha, seu neto, não sei bem ao qual, desde o infantil passando a adolescentes e jovens, pra que quando o rapaz ou a moça saia do terceiro ano médio de suas escolas, passando nos vestibulares ou buscando um concurso público, ele consiga ter e levar consigo uma educação ambiental. Em uma das outras dimensões que o próprio Plano Nacional da Gestão de Crise Hídrica dá, que resguarda a água, ele vai tratar sobre resiliência. Quem melhor do que qualquer um daqui que conhece a história do nosso povo, eu não só estou falando do povo patoense em si 'civilizado' com a vinda de europeu família Oliveira Lêdo, eu estou falando de Pegas e Panatis, que já habitavam nossas terras e que estavam adaptados para a escassez. A primeira fala aqui do professor, excepcional, aprendi demais, ele fala que de tempos e tempos, é cíclico, é rotativo, vai acontecer novamente. Nós recebemos estiagem cada vez piores. É previsto para o este ano, dois mil e vinte seis, uma perspectiva de El Niño, que é uma anomalia climática, uma das piores nos cento e cinquenta anos, segundo divulgação de estudos da própria ONU. Isso vai dizer que de setembro em diante, principalmente no eixo setembro a dezembro, nós vamos ter altas temperaturas, ondas de calor, vai evaporar mais água. Quando eu falo ondas de calor, nada mais são do que cinco graus celsius acima da média por mais de cinco dias consecutivos. Nós iremos ter aqui picos de trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove graus, sensação térmica gigantesca. E pensar que isso vai continuar acontecendo, eu vou precisar da minha geração que está saindo das escolas, eu vou precisar da criancinha saber que quando for tomar banho na sua casa, no seu banheiro ou até escovar os dentes, eu tenho de ter descimento pra economia da água, pra fazer reutilização dessa água, pra ter a racionalização do seu uso. Isso é um combate que professores, docentes em si têm que trabalhar. Mas vocês como pais de família, como mães discentes que são, vocês têm que trabalhar com a consciência dos filhos. E o exemplo parte desde autoridades aqui, como os vereadores aqui da Casa, como outras autoridades aqui concernentes e você como pai de família. Eu tenho a necessidade de ter essa significação pra o meu entendimento. O município de Patos, que está num dos berços de um problema gigantesco, que a própria falta hídrica vai fazer com essa pressão populacional aumente mais ainda o problema, que é a desertificação de suas terras. A desertificação, segundo conceito de ONU, ela vai situar em áreas semiáridas, subúmidas ou áridas. Nós estamos no semiárido nordestino, nós trabalhamos com pouca água, e temos que fazer uma consciência. É a segunda vez que eu estou repetindo na noite presente, uma consciência de uma educação ambiental. Partindo de pressuposto de campanhas, partindo de pressuposto de programas que são advindos de esferas federais, estaduais ou do município, para que uma, duas, três gerações consequentes, até mesmo pós a nossa, possa ter condições de lidar com problema de água, diferente do que a gente tem, contribuindo cada vez mais com a consciência, e que quando falar de pegada hídrica, que quando você for pegar por exemplo, uma calça jeans, que equivale a oito mil litros de água, eu posso diminuir isso. Sem esquecer que, além da dimensão humana, resiliente, nós temos dimensão econômica também sendo fala. Nós precisamos de água. Quem consome água? A água é consumida por entes como, por exemplo, agropecuária, indústria e o consumo humano. Eu fosse bota um pódio aqui pra vocês todos, nós teríamos esse pódio aqui presente. Eu não falo só pra o município de Patos, eu falo de uma maneira geral, Brasil, mundo, e



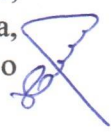
que a ONU nos leva. Nesse tocante, a agropecuária é a base alimentar, segundo a FAO, organismo unilateral da ONU, essa base alimentar ela vai demanda cada vez mais de água. A necessidade de uma transposição das águas do São Francisco pra gente, posso dizer que é matar a cede, primeiro ponto, porque vai faltar água de aproximadamente doze milhões de pessoas. Quem são esses beneficiados? Paraíba e vizinhas suas. Eu estou aqui na Paraíba, olho pra Norte, o Rio Grande do Norte, olho pra um lado, Ceará, e pra baixo, Pernambuco, esses quatro estados, com doze milhões de pessoas, serão muito beneficiadas. Meus amigos, eu quero que vocês botem na cabeça que vazão total do São Francisco, que é um dos maiores rios da América Latina; posso dizer assim internamente do Brasil, a maior bacia hidrográfica totalmente brasileira, posso dizer de um a três por cento da vazão total do São Francisco, segundo os últimos estudos, é o que vai transportado em dois eixos, um eixo Norte, um eixo Leste. O eixo Norte vai nos beneficiar aqui, a Paraíba; o eixo Leste também vai chegar no segundo maior manancial de águas do Estado, que o açude Epitácio Pessoa, chamado de Boqueirão. Temos a necessidade dessa água chegar. Vou reiterar e finalizar, dizendo que essa transposição venha para benefício de matar a cede, mais também que uma dimensão econômica, micro e macroeconômica, beneficie o sertanejo, pra que com essa própria economia, ele condições de ter maior grau de instrução e ter uma consciência ambiental que a gente tem que preservar hoje pra utilizar amanhã. Tenham todos uma boa noite". Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra o **Professor Wedel**: "Boa noite a todos, boa noite a Mesa, saúdo em nome de Tide, presidente. Agradeço também a o convite do Vereador Hebinho, e também parabeno os professores que representam a classe. Eu aqui estou representando também como professor. Sou natural de Patos, sou professor também, de geografia. Depois de ouvir aqui esses especialistas, realmente a gente tem algo muito importante a desenvolver e contribuir no desenvolvimento da educação, principalmente no contexto escolar. E também quero da saudação aos professores que se encontram na plateia, e toda sociedade Patoense e da região metropolitana. Eu trago uma fala bem breve, e aproveito também pra reforçar um pouco do que foi falado aqui por Patrício, a importância da escola com relação ao contexto educação ambiental. Eu acho que isso vai muito mais do que meramente folhear livros, mas é o ato de conscientização da sociedade. Eu me lembro muito bem que muito se falava sobre a indústria da seca, combater a seca, e eu sempre argumento isso em sala de aula com os meus estudantes, e até mesmo com amigos, que a seca não se combate. A seca é um fenômeno natural. A seca, a gente precisa aprender conviver. Por isso que nós temos técnicas de convivência com o semiárido. Em dois mil e dezoito, quando eu ingressei no Mestrado, na UFRN em Caicó, a minha tese de mestrado era voltado para o desenvolvimento de técnicas de convivência no semiárido nas escolas, e eu não tive muito sucesso porque os próprios orientadores diziam: 'Professor, como é que você vai fazer isso se você não tem financiamento pra desenvolver esse tipo de projeto?' E aí tive que argumentar que a escola não é feita apenas de dinheiro ou do corpo docente, é feita da sociedade, das famílias. E resumidamente, não tive como desenvolver esse projeto, e pulei pra outra perspectiva de produção de material didático, que foi um atlas escolar. E dentro desse atlas escolar eu busquei trazer alguns componentes relacionado a esse tema, fizemos o índice de levantamento sobre pluviosidade e temperatura, fizemos o mapeamento hidrográfico também do município de Patos. Ou seja, tem um material pronto, que eu espero que um dia possa aproveitar esse momento também, que os senhores parlamentares se encontram, quem possam também motivar a Secretaria de Educação a adotar esse material nas escolas municipais. É um livro de autoria de um



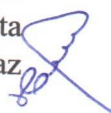
patoense que convive na cidade, conhece a realidade, e que eu tenho muito desejo que um dia esse material esteja nas escolas. Então, voltando ao contexto da questão hídrica do nosso município, eu também sou professor do Estado de Pernambuco, e eu conheço uma prática de realidade muito interessante, que aconteceu em São José do Egito, que foi a transposição, através de dutos, até o município. Eu sou concursando lá desde dois mil e dezesseis, e eu vi muitos problemas com relação ao acesso a água por parte da comunidade e, recentemente, o município foi privilegiado pela adutora e transformou o município do contexto social, econômico, ambiental, e isso foi uma evolução muito significativa. Então, o debate hoje relacionado à essa questão se torna muito pertinente e importante, mas é importante ter critérios. Eu ouço muito sobre projetos de revitalização do Rio Espinharas, mas nunca ouvi comentar quais seria os critérios de revitalização. Limpar o rio só por limpar? Não se trata de limpar o rio só por limpa, mas se trata também de trabalhar e discutir a questão da infraestrutura. Tem um exemplo aqui muito próximo, a mais ou menos setenta quilômetros, que é Serra Negra do Norte, o Rio Espinharas corta o município de serra Negra, e pra muitos que não sabem, Serra Negra hoje é um exemplo de cidade que o rio não é mais poluído, devido a uma instalação de uma estação de tratamento de água. Então é possível fazer. Eu acho que são pontos importantes a serem debatidos e discutidos, porque a água é um elemento de sobrevivência de condição humana, a água é um elemento indispensável. Como foi falado aqui pelos nossos colegas anteriormente, nós temos um índice muito pequeno de água doce, a dessalinização seria uma alternativa interessante também, como é feito em Israel. Nós temos um projeto de irrigação muito rico em Israel, motivada pela dessalinização da água. Então cabe aqui a nós, principalmente o Poder Legislativo também, buscar, maneira efetiva, essa discussão mais aprofundada, buscar critérios técnicos, também buscar a sociedade civil, professores, especialistas, para que essa discussão possa ser realmente significativa e trazer bons frutos, porque a transposição do Rio São Francisco realmente, pra muitos que não conhecem a realidade do Nordeste, há muitas críticas. Eu morei seis anos no Estado de Rondônia, e muito se falava com relação a isso: 'você moram numa região seca, carregam água na cabeça com latas'. Mas eles não conhecem a realidade da riqueza que nós temos aqui, que muitas vezes não bem aproveitada. Com relação à economia, o Nordeste hoje é um polo de produção agrícola, principalmente na parte de fruticultura. Então nós temos aqui produção energética também, certo que já está um pouco defasada essa relação, não há mais como a gente pensar em construir hidrelétricas, mas nós temos outras alternativas que são muito importantes também: a energia solar, energias eólicas, a própria biomassa também, que pode ser muito importante nesse quesito. Mas eu estou muito feliz por esse debate, e por ver a sociedade civil aqui também presente e, ao mesmo tempo, espero, que esse projeto vá adiante, e que a gente possa realmente mover o poder público pra esses investimentos possam acontecer e que a nossa cidade possa ser contemplada. Não só Patos, mais também toda sua região metropolitana possa ser contemplada por esse recurso tão importante. E eu como professor, é uma missão. Eu sempre carrego essa missão dentro do meu contexto escolar, principalmente porque a água é o elemento de maior importância pra humanidade. Então, desde do momento de tomar um banho, de escovar um dente, eu começo isso em casa, pela minha filha de seis anos, pra ela tenha a capacidade de entender enquanto criança, e elevar isso para sua condição de adulto. Eu acho que a escola tem um papel muito significativo nesse contexto, porque a escola é espaço de aprendizagem. Mas não só a escola, aqui é um espaço de aprendizagem também. E pra nós que somos nordestinos, sertanejos, que moramos numa região



semiárida, cabe muito na nossa condição como cidadão, como profissional da educação, fortalecer esse debate e, ao mesmo tempo, construir possibilidades de mudança, porque combater não há possibilidade, mas conviver há sim. Muito obrigado pela oportunidade, e boa noite a todos". A senhora Presidente informou: "A nossa Audiência Pública está sendo transmitida através das nossas redes sociais, através da TV Câmara Patos, TV Sol e também será transmitida através da TV Assembleia Legislativa da Paraíba". Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o senhor **Jonatas Raulino**: "Boa noite a todos e a todas. Saudar os vereadores, agradecer o convite, Héber, que é o momento muito importante pra gente, é até a oportunidade de a CAGEPA discutir um pouco água, onde, recentemente a aqui na cidade de Patos, como as demais dezessete cidades do sistema Coremas/Sabugi, passamos por uma dificuldade imensa no manancial local principal colapsou, que é a Farinha, e isso nos trouxe uma situação que a gente teve racionar a água aqui na cidade. Bem como, por exemplo, uma região mais crítica, que foi o Vale da Sabugi. Vou falar um pouco aqui da CAGEPA, mais precisamente do nosso regional aqui, que a gente atua na gerência, na operação e na manutenção. Mas muito, hoje, a CAGEPA está fazendo obra hídrica. A gente atua é no regional em quarenta e duas cidades, muita coisa, dentro da Paraíba, está todo na região semiárida. A gente não tem nada área de Brejo, nada, nada, a gente é semiárido totalmente, a até Manaíra, lá em baixo, Itaporanga, no Vale do Piancó e outras cidades, onde muita gente está recebendo sistema novos, nos municípios. Recentemente a gente recebeu Coremas, Assunção, Junco do Seridó, Pedra Branca, e agora já existe a intenção de Mãe D'água de repassar o sistema pra gente; São José de Princesa lá em baixo. Enfim, não é só bem Patos, a gente atua como regência regional em quarenta e duas cidades, e um número interessante que a gente tem aqui, como a gente estar no semiárido, o que a gente precisa, às vezes, é interligar bacias, e a gente está discutindo hoje uma interligação muito maior, que é do São Francisco. Mas dentro do nosso Estado, do nosso regional, a gente é cortado por mais de quatrocentos quilômetros de adutora. E eu não estou contando nem as adutoras recentes que a gente recebeu, a do Pajeú, vinda de Pernambuco; uma que a gente fez agora em Itaporanga, trinta e três quilômetros; outra que a gente fez pra Maturéia, enfim, tudo isso é tentando dar essa segurança hídrica com o que a gente tem hoje. a CAGEPA trabalha muito pensando no futuro, mas também, certa forma, com o pé no chão, porque a gente não pode também deixar pra fazer a obra só quando a transposição tiver entregue. Não, a gente já vem trabalhando isso. Aqui em Patos, por exemplo, o principal sistema que abastece é o Coremas/Sabugi, são noventa quilômetros de adutora de quinhentos milímetros. O complexo todo, Coremas/Sabugi, são cento e oitenta quilômetros de adução, são dez elevatórios, isso é um sistema que, financeiramente, é caro, não é muito barato de operar não. Fora todas as intervenções que a gente enfrenta, principalmente em períodos secos, onde o pessoal realmente vai buscar água, seja pra dar a animal, seja pra irrigação e tudo, e isso é dificultoso pra gente aqui. Isso aí é a nossa captação lá no leito do Rio Piancó, é uma captação flutuante em balsa. A água que abastece Patos sai lá de Coremas, a gente capta dentro do Rio Piancó, mas sai lá de Coremas e vem em adução até aqui Patos. A nossa ETA do Jatobá. E um cenário que, em dois mil e vinte uma, quando cheguei na CAGEPA na regência mais específico, a gente tinha uma rotina de rodízio em água nas cidades. Todas as cidades tinham uma implementação de rodízio porque o sistema atual não abastecia. No entanto, muito desse tipo de audiência eu tive, o pessoal reclamando mesmo da falta d'água. Inclusive Patos tinha um rodízio de água, com todos os mananciais cheios. Uma característica que tinha bem marcante, era o



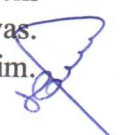
pessoal dizer como solução, aquela solução fácil de bate e pronto: 'aumente a capacitação, o açude está cheio', 'aumente a bomba', 'aumente a vasão'. E isso a gente não pode fazer. É muito por cima da pressão que se tem dentro do manancial, o que controla. Aqui está a ESA, os comitês de bacia, a gente não pode simplesmente chegar e aumentar a nossa capacitação, porque a água é um recurso finito, a gente está vendo. E tinha esse cenário em todas as cidades. Diante disso, seria muito mais barato pra CAGEPA chegar e simplesmente e aumentar os equipamentos, como popularmente se diz: a bomba, 'aumente a bomba'. Não, a gente buscar soluções, dentro do que a gente podia captar, a gente reduzir o que se perdia. E muito era com vazamentos, com furto de água, e a gente atuou, por exemplo, tem até essa imagem com a reto escavadeira, que tem uma adutora do sistema Coremas/Sabugi, implantada nos anos dois mil, que se dizia pejorativamente: 'ah, é tubo de papel', que é um material de PVC que não suporta tanta pressão. A gente está substituindo toda essa adutora por tubos de ferro, que suporta a pressão. E isso a gente teve que contratar, dar uma celeridade maior até na retirada de vazamentos para chegar mais água aqui. Não é só chegar água, a gente tem que forma de distribuir dentro da cidade. Ficou bem marcado agora na cidade de Teixeira, aqui do lado, quero saudar os Vereadores dos municípios, que eu conheço todos basicamente. Não é só chegar água, não é só captar, não é só tratar, a gente tem que ter uma forma de distribuir melhor, com rede boa, nova, que não se tenha perdas, que não se tenha vazamentos que se passe dois, três dias, e a gente foi contratando. A gente tinha aqui dentro de Patos uma dificuldade muito grande, acima do Clube da Caixa, onde se tinham áreas de invasão, e uma cena me impactou até, eu acho que no ano de vinte e dois, que eu cheguei numa época de outubro, e uma casa estava irrigada, a pessoa da casa colocou aspersores em cima da casa, ligava a sua tubulação e irrigava a casa, ficava bem friazinha. É boa a ideia, no entanto, isso é um peso muito grande para o sistema, quando se tem trezentas, quatrocentas casas fazendo isso. E nesses contratos que a gente fez, e regularizou, a gente hoje não tem residências aqui em Patos sem, por exemplo, hidrômetro. Bem como aquele parque de hidrômetro, durante a idade média dele, hoje estão quase todos abaixo de cinco anos, noventa por cento. A eficiência que a gente mede a água hoje, aqui em Patos, é muito forte, ou seja, já é para a gente não ter esse risco de ter a necessidade de sempre captar mais num manancial, que já tem uma dificuldade hídrica. Chegou muito também essa reestruturação de equipamento. Toda água que chega, quem conhece aqui em Patos sabe que na Rua do Prado tem uma caixa d'água, que vem do Jatobá, e a gente distribui para toda a cidade daquele centro de controle. Esse centro de controle, a gente teve o cuidado de automatizar e monitorar. A gente monitora os reservatórios de Patos hoje, que são doze, aquelas caixas d'água, para não ter o risco de ela extravasar, que é parece de água. Estou vindo Ribamar, que é um dos operadores, ele fica monitorando, ele fica olhando os níveis dos reservatórios, e dizendo: 'Olha, está perto de extravasar, eu vou desligar a bomba, eu vou reduzir um pouco'. E hoje a tecnologia chegou pra gente, a gente usa muito essa questão da automação, desligar à distância, ligar à distância, controlar a frequência do motor, se manda mais água, se manda menos água. Esse tipo de situação a gente está buscando dentro da cidade de Patos, como as demais. Um fato muito forte aqui na cidade de Patos era o furto de água; se perdia muito, não só dentro da cidade, mas também ao longo dessa adutora, que é imensa. É um dificultador da gente, é muito difícil você lidar com isso, porque de certa forma você vai ter que chegar junto com justiça, você vai ter que chegar junto com polícia, enfim, tem um risco até físico para as equipes da gente, muita coisa a gente enfrenta. Só algumas notícias que a gente teve de combate, que a gente faz



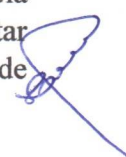
um trabalho muito forte com a polícia, com todas as forças judiciais. Esse é o mapa que eu mostrei, aí a gente vê a situação que está hoje, a gente não capta nem um metro cúbico a mais em manancial nenhum, as outorgas que a gente tem hoje, são caducas, tem dez anos, vinte anos atrás. Esse mapa hoje está todo azulzinho, porque são cidades que a gente abastece pleno, inclusive Patos, se tem água no abastecimento 24 (vinte e quatro) horas. A gente não conseguiu captar, não pode também captar mais água no manancial, mas a gente consegue abastecer, tudo isso fruto de um trabalho que se tem muito grande. A gente fez todo esse trabalho, eu vi até os professores falando aqui em pegada hídrica, muita coisa que eu ouvi na academia, quando estudava, fazia mestrado, doutorado, e estudava muito a pegada de carbono, a pegada hídrica, esse uso eficiente da água, uso consciente da água. Não adianta tão somente a gente trazer mais água, e a gente não trabalhar isso. Para se ter uma noção, estávamos fazendo um apanhado de certa forma, agora nesse enfrentamento que a gente teve no final do ano, com o colapso da Farinha, a média de consumo aqui em Patos é de duzentos litros por pessoa por dia. É até maior do que a ONU estipula para regiões normais. Regiões normais que eu digo, são aquelas de chuva regulares, em Rondônia, no Pará, enfim. Aqui era para se ter entre cinquenta e cem litros por pessoa/dia. No entanto, o que a gente tira de conclusão? A CAGEPA pratica a menor tarifa do Nordeste, e isso é em João Pessoa, aqui em Patos, em Cajazeiras, em todas as cidades a gente trabalha com efeito de tarifa chamado subsídio cruzado, onde uma cidade, que tem uma maior vantajosidade, cobre uma cidade que tem um custo operacional muito mais elevado. Eu cito até exemplos, como a cidade de Teixeira, onde você tem um custo muito elevado de água, que está recebendo água hoje da transposição, além de todos os custos com tratamento, com energia elétrica, a gente ainda tem um custo de se pagar a outorga do que vem de água. E a tarifa da população de Teixeira é a mesma da população de João Pessoa, e isso se paga, por isso que a gente consegue operar um sistema aqui de Patos/Coremas/Sabugi, que tem uma tarifa simplesmente de energia absurda, o gasto que a gente com energia. É tanto que a gente está adotando algumas medidas, por exemplo, estamos migrando nosso sistema elétrico, principalmente as unidades do Coremas/Sabugi, com o Mercado Livre de energia, simplificando o termo, onde a gente adquire energia por licitação; quem oferecer a menor tarifa de energia pra gente, vai vencer e a gente vai fornecer. A energia vem pela rede da ENERGISA, mas o fornecedor é o infinito. E dentro de todas as opções, também estamos trabalhando o futuro. Eu vi falando aqui do Rio Espinharas, por exemplo, a gente está com uma obra em andamento. Eu até essa semana falei com o Prefeito Jacob, para assinar alguns documentos que está precisando, da licitação, para aumentar a cobertura de esgoto daqui. São investimentos na casa de quase cem milhões, para esse ano. Outra obra gigantesca, que vai trazer mesmo segurança hídrica de vinte, trinta anos para Patos e demais cidades, é uma nova adutora do sistema Coremas/Sabugi. Já rodou a topografia, está rodando o processo, já estamos entrando na fase de captação de recursos para isso, e é uma adutora de oitocentos milímetros, que vai comportar as vazões de Farinha, Jatobá e Capoeira, mais a vazão da atual, adutora que se tem de quinhentos milímetros, isso tudo funcionando, trazendo água para Patos e, dentro das elevatórias, mandando para o Vale do Sabugi, para a região de Assunção, enfim. No entanto, um condicionante que se precisa, porque a gente não pode simplesmente colocar outra nova captação em Coremas, é que a transposição chegue via ramal do Piancó. Isso, como se diz, estamos antecipando, porque a gente já tem uma certeza que vai sair, a gente está se antecipando com o projeto, justamente para trazer água para Patos e dar essa segurança, porque Patos não só cresce no São Judas, aquele



loteamento todo, ali na Cruz da Menina vai ter um condomínio muito grande também, eu acho que são oitocentas residências; perto do Atacadão vai ter também. Patos pulsa hoje diferente, até destoa do semiárido, e para tudo isso precisa-se de água. Se a gente não tiver aliado a essa ampliação de sistema, claro que tem que trazer, mas também esse uso racional da água, que esse eu acho que é difícil. Tudo isso a gente pensa, a engenharia, eu estava ouvindo o professor Mário falando dos projetos, para engenharia tudo é possível, não vou dizer tudo, mas quase tudo se consegue em engenharia, pesquisa científica. Esse uso racional da água é complicado, mas necessário. São debates como esse aqui que a gente tende a elevar o nível e chegar nas escolas, e numa futura geração, que tanto se espera. Agradeço mais uma vez a oportunidade. E dizer que estou à disposição sempre para todo convite, em todos os espaços estamos presentes, atuando e respondendo às demandas e trazendo boas novas. Obrigado". Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o senhor **Mozart Marques**: "Boa noite a todos. Em nome do Vereador Héber, saúdo toda a Mesa e todos aqui presentes. Foi bom ter ficado por último, porque eu vou pegar um pouco de cada um. A AESA já vem trabalhando, como o próprio Ricardo disse, com a questão de alocações, a gente vem há um bom tempo trabalhando na parte de alocações, não só no Vale do Piancó, como também em Patos, já trabalhamos alocações aqui em Patos no açude Capoeiras, no período da gestão do secretário Ferré. E é uma coisa que eu sempre converso com Jônatas, a gente tem que partir para a conscientização da população, porque não é só a questão de hoje a gente ter tido um período chuvoso, e os mananciais terem um volume considerável, porque a água não é só para o abastecimento, a água é um bem público e um bem comum de todos, então eu não tenho mais direito que A, B ou C, todo mundo tem direito a água. E é isso que venho sempre pregando em todas as minhas reuniões, por quê? Porque muitos acreditam que a prioridade é o consumo humano. Realmente, concordo que a prioridade é o consumo humano e animal, mas um município ou uma região só se desenvolve se também tiver agricultura, indústrias. Então é como eu estava dizendo, foi bom ter pego esse final, por quê? Porque é a questão da conscientização da população, o nosso amigo Jônatas também já informou, em conversa hoje à tarde com o presidente da AESA, estava me passando que já está para das licenças do IBAMA a questão do ramal do Vale do Piancó, e também vai beneficiar toda aquela região, essa transposição, não só Patos, mas todo o Vale do Piancó, que realmente Ricardo tem conhecimento da bacia, é uma área bem crítica também, não só Patos, mas toda aquela região. E a AESA vem dia a dia enfrentando conflitos, é uma coisa que constantemente a gente tem conflitos. Quando começa o período chuvoso, se acalma. No início deste ano, antes de começar o período chuvoso, me procuraram lá das Laranjeiras, é uma comunidade que tem aqui em Patos, o pessoal brigando pelo esgoto do Rio Espinharas, porque não tinha a água para dar ao gado. O próprio Ricardo sabe, é uma área de domínio da ANA, mas o pessoal me procurou, e estive presente numa com os integrantes da comunidade, sentei e resolvi o conflito. O quê? Barramentos que cada um, porque o ser humano às vezes é um pouco individualista, lá o que é que fizeram? Fizeram vários barramentos dentro do Rio Piancó, que a gente sabe que é proibido, e com isso o final já não tinha água, o gado todo morrendo com sede. Então a gente tem que colocar para a população que a água é um bem de todos, isso não tem o que se discutir. E a cada dia, onde chego para fazer qualquer reunião, o pessoal fala: 'Mozart, e aí, a previsão de chuva?'. O professor e meteorologista tem ciência, a gente tem previsão, a gente não tem certeza, a gente não sabe quando vão ser as próximas chuvas. A gente tem uma previsão, um estudo, que pode ser bom, como também pode ser ruim."



Eu participei o ano passado, de diversas alocações, teve município, como o município de Manaíra, que em duas chuvas o manancial pegou a recarga do ano todinho. Como esse ano também caíram algumas chuvas consideráveis, a AESA, em Campina Grande, que o nosso centro de monitoramento, já me passou que nos próximos meses a tendência é cair em sessenta por cento na média, esse ano talvez não atinja a média, segundo informações que eu tive do nosso meteorologista Alexandre Magno, em Campina Grande. Então é a gente ter consciência que a água é um bem de todos e temos que preservar, porque a gente não sabe, eu mesmo estou dizendo, é previsão, não é uma certeza. A gente sabe que é um bem precioso e que todo mundo precisa dele. A AESA está à disposição de toda população, como já disse aqui, o que puder a AESA está para resolver esses conflitos, a gente está para fazer conscientização à população. Antes do racionamento de Patos, em conversa com Jônatas, eu sempre vinha questionando: Jônatas, vamos tentar conscientizar a população de Patos, vamos cair em campo. Por quê? Porque é isso que a gente tem que fazer, conscientizar a população que o nosso bem mais preciso em Patos hoje é a água. A gente tem alguns mananciais, como a gente sabe, tem o Jatobá, Farinha e Capoeira, mas com o tempo a água vai evaporando. No início desse ano, eu estive com uma ONG Água Viva aqui em Patos, até um prédio que estão construindo perto do Jatobá, e em conversa com um dos estudiosos da ONG, eu achei uma coisa bem interessante, que até os professores me falaram, eles apresentaram uma proposta de fazer tipo uma manta térmica em cima do Jatobá, para evitar a evaporação, e com isso produzir energia solar para a UFCG. Eles me mostrando alguns projetos que essa ONG tem. então é isso o que a gente tem que começar a buscar, esses tipos de projetos para que a gente possa diminuir a evaporação e ter um aproveitamento melhor da água. Outro exemplo que a gente teve há algum tempo, eu acho Ricardo acho conhece, tem uma comunidade chamada Videu, em Conceição, e essa comunidade, eu acho um exemplo para toda a Paraíba. O Governo do Estado vem ajudando muito a comunidade, como qualquer outra comunidade que necessitar, e lá o pessoal produz muito, tem o uso racional da água, todo mundo usa a água por gotejamento, não usa por aspersão, só gotejamento. A AESA vem sempre dando o auxílio ao pessoal, e eles produzem o ano todo. E em um momento de um estudo lá, que a gente precisou fazer para liberar água no rio de Videu, para vocês terem uma noção da evaporação, a gente abriu uma comporta para atender as comunidades que havia necessidade na época, e o volume que eu liberei da comporta, o açude baixava quatro centímetros por dia. Quando eu atendi cento e poucas pessoas, em média de cinquenta famílias, o açude baixou cinco centímetros, uma diferença de um centímetro por dia, e atendeu diversas pessoas. É isso o que a AESA vem trabalhando, e é isso que a AESA vem fazendo, alocações e tentar ajudar o máximo que puder. Aqui encerro minhas palavras, e a AESSA se encontra à disposição de todos". Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o Presidente da Câmara Municipal de Catingueira, o senhor **Sebastião Alves**: "Boa noite a todos e a todas. Em nome da Presidente desta Casa, Tide Eduardo, saúdo todos os Vereadores desta Casa Legislativa. Em nome do Presidente da Câmara Municipal De Santa Terezinha Francisco Bezerra, saúdo os demais colegas Vereadores das cidades vizinhas e todo público presente. Agradecer primeiramente a Deus por nos permitir estar aqui num momento tão oportuno quanto esse, de debater aqui a situação hídrica da região metropolitana de Patos. Agradecer o convite e parabenizar o vereador, autor da proposição, e todos acolheram este projeto, que é um projeto de suma importância quando se fala em trazer as águas do Rio São Francisco até esta região. Eu vou citar como exemplo o açude Cachoeira dos Cegos, o manancial que tem a capacidade de

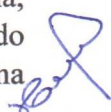


setenta e um milhões de metros cúbicos, e que abastece duas cidades por meio de adutora e, atualmente, quase vinte cidades através de carro-pipa. Quando eu cito o açude Cachoeira dos Cegos, trago aqui uma preocupação: que é um manancial com a capacidade que falei, e hoje se encontra com apenas vinte seis por cento de sua capacidade, ou seja, vinte e seis milhões de metros cúbicos. O manancial que chegamos em janeiro com apenas quatorze por cento, apesar de na cidade de Catingueira ter chovido setecentos milímetros, é a meta, mas o manancial só acumulou esta quantidade que estou falando. Isso nos preocupa porque o último ano que o açude sangrou foi em dois mil e nove. E daí para cá a gente vem só perdendo volume, perdendo volume. Em 2020 chegou quase sangrou, mas não chegou a sangrar. E isso é uma preocupação que trazemos aqui a esta Casa, aproveitar a oportunidade para fazer um apelo aos órgãos competentes, que quando nós, vereadores de Catingueira, defendemos esta causa, alguns outros municípios acham que Catingueira quer apenas a água para Catingueira, mas não é só isso. Hoje mesmo, mais de dez cidades da região metropolitana de Patos, como o próprio Patos, é abastecido através, acho que a zona rural, através de carro-pipa; como Passagem, como Cacimba de Areia, como Junto do Seridó, como São Mamede, como São José do Bonfim, São José de Espinhar, Mãe d'água e, assim, sucessivamente, todas essas cidades dependem das águas do açude Cachoeira do Cego. Por isso que eu parabenizo o projeto. É um projeto que requer apoio, que é um projeto que tem que ir adiante, porque vivemos este momento crítico em relação à água. E deixo aqui o meu apelo aos órgãos competentes, não é que somos contra a abertura da comporta, até porque sabemos e entendemos que os ribeirinhos também precisam que as comportas sejam abertas para que sejam atendidos, mas que não seja como outros anos que abria em julho e ia até fevereiro do ano seguinte. Que faça um calendário que fique um período aberto, que fique outro período fechado, que assim vai fazer com que esta água seja um racionamento. Em outras épocas, em outros anos, esse ano que passou, de 2025, até fomos atendidos, a comporta ficou um bom período fechado, não abriu em julho e só fechou em fevereiro. E com isso, evitou de que tivéssemos uma grande perda de água. Mas em outros anos, a gente presenciou que as águas da comporta do açude Cachoeira do Cego chegava às águas de Coremas, ou seja, um grande desperdício de água por um grande período aberto. Então, mais uma vez, quero aqui parabenizar a iniciativa do projeto, dizer que a Câmara Municipal de Catingueira está de portas abertas para apoiar no que puder, no que precisar. E só tenho que agradecer mais uma vez, ao convite. E aqui registrar a presença dos colegas vereadores que veiram da cidade de Catingueira: Vereadora Eliane, Vereador Aécio, a Vereadora Nega e o Vereador Presidente Chico Bezerra. Muito obrigado e até a próxima oportunidade, se assim o Senhor Deus nos permitir".

Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da tribuna o Secretário de Agricultura do Município de Patos-PB, o Vereador licenciado **Willami Alves de Lucena**: "Boa noite a todos e a todas. Quero aqui em nome das mulheres que compõem a Mesa, da Vereadora Fatinha e da presidente Tide Eduardo, saudar todos os presentes e todos os que nos acompanham pelas redes sociais. Quero ser breve ou tentar ser breve, Mário. Enquanto eu via Mário, puxava na cabeça quando eu fazia a quinta série, e minha professora de Geografia dizia: 'a China é um país em desenvolvimento, e a gente tem que ter cuidado com a água'. Eu era criança quando ela dizia isso, e a pauta que todos puxam aqui, Mário, a civilização, a humanidade, não aprenderam ainda a lidar com a seca. Desde sete anos Mário que se interessa pelo tema da seca, mas desde lá, Mário, nós humanos não aprendemos ainda a conviver com a seca. Nós ainda não aprendemos a ter cuidado com a água. Nós ainda não aprendemos a usá-la da forma



correta. Infelizmente, seria um sonho para mim, e para Jonatas estar ali, porque o ano passado, quando assumi a secretaria, eu lembro da primeira visita que eu fiz. E ele dizia: eu cheguei aqui e não vi ainda a Barragem da Farinha seca, mas esse ano eu creio que eu vá ver, né? Ele conseguiu ver, eu também, e presenciar isso de perto. E ver que, quando ele falava aqui, Mário, ele dizia: 'talvez 50 (cinquenta) litros de água/dia desse para um patoenses'. Só que não usa cinquenta. Já imaginou, Jônatas, um contador fazer uma pesquisa numa casa e dizer: 'tem quatro pessoas nessa casa', e de repente, o hidrômetro da CAGEPA liberar apenas 200 litros/dia para essa família? Porque se a CAGEPA não fizer isso, a gente não faz. Infelizmente, a gente não faz. E esse racionamento que a CAGEPA fez nesse ano tão difícil, se ela não tivesse feito, será se dona Maria pararia de lavar a calçada? Será que nós pararíamos de desperdiçar água? Porque quem parou foi porque não tinha água na torneira. Porque se tivesse, continuava. Infelizmente, eu quero aqui usar esse tempo para falar justamente do ponto principal para mim, da consciência. É fato, e eu quero aqui parabenizar o autor, que a classe política, Hebinho, tem que gritar. Porque, como Mário dizia, alguém pensou lá em 1845 numa seca, em água de transposição. Aí eu quero aqui puxar outro ponto. Hoje a gente tem uma estrutura hospitalar bacana, muito melhor do que era, porque veio uma pandemia. E vieram muitas secas, Mário, a gente não aprendeu a conviver com ela ainda. Espero que um dia a gente possa aprender a conviver com ela. E a gente melhorou isso, porque chegou uma pessoa lá e fez. Começou a transposição, e até hoje está aí a gente gritando por um bracinho dela, por outro, por outro. E esta Casa tem feito isso. Eu quero aqui parabenizar vários vereadores que contribuíram, por exemplo, com outras alternativas na zona rural. Eu vejo aqui que Décio contribuiu muito com emendas, David Maia, Marco César, Nandinho, que sempre colocava emendas direcionadas à perfuração de postos na zona rural, para que realmente a água chegasse a essas famílias que não tinham. Aí eu pergunto: e há quarenta anos tinham quantos postos? Tinha bem menos, e a população da zona rural era maior. Aí vem a consciência, nossos ancestrais cuidavam melhor do que a gente cuida. Eu digo isso de prova, vejo isso, porque têm pessoas na zona rural, Mário, que veio a ideia da cisterna, e ela realmente é utilizada como deve ser: para captar água da chuva, e não para reservatório. Então, pessoas que têm setenta e cinco, oitenta anos conseguem administrar água num período chuvoso, o ano inteiro com a cisterna de quinze mil litros. Elas fazem isso muito bem. E eu fico impressionado com isso, e eu relato em outras associações, que já tem pessoas que não conseguem lidar trinta dias com quinze mil litros de água. Mesmo tendo outra alternativa de água, elas não conseguem. Então, aonde é que leva esse debate? Primeiro, esta casa faz esse papel, e faz muito bem trazendo isso, Hebinho, meus parabéns. E quero dizer que a nossa classe política daqui de Patos, a gente está honrado porque hoje a gente tem um presidente, eu quero aqui citar o nome, o presidente Hugo Mota, que usa sua credibilidade e sua força política para mostrar que sua região necessita dessa transposição. E ele usa isso. Então, a gente já vê aqui que Jonatas já relatava a certeza de vir isso. Então, a nossa classe política, o antigo gestor Nabor Vanderley, presidente do Republicano, usa a força de um partido forte pra mostrar isso pra quem deve ser mostrado, e cobrar de quem deve ser cobrado, porque só quem sabe essa necessidade são essas pessoas que convivem, que moram, que conhecem, porque são elas que já sentiram, sentem ou conhecem pessoas que sentem a dependência desse líquido tão precioso, que é a água. Quero aqui terminar minha fala, dizendo que eu me sinto honrado. Eu dizia ainda há pouco a Guaray, que por ter vivido a experiência de ter pegado o ano mais difícil desses últimos treze anos à frente de uma

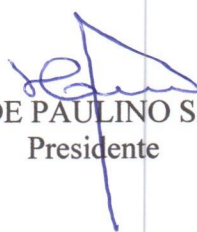


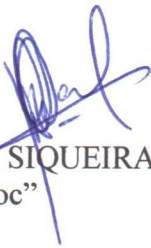
Secretaria de agricultura, porque chegavam dias que eu entrava na rádio, Jonatas estava saindo. Ele estava saindo e eu estava entrando na rádio, porque era o nome dele pela manhã ou o meu nome à tarde, o pessoal realmente cobrando, porque tem que cobrar. Tem dias, Mario, em que eu tinha quatro pipas parados sem ter água para entregar. E eu quero aqui parabenizar o pessoal da CAGEPA, porque, no momento crítico, eles usaram da eficiência, usaram da tecnologia, porque é isso que a gente tem que fazer, procurar alternativas. A gente fala muito de Israel, mas como é que eles tratam a água lá? Será se eles tratam a água como a gente trata? Ou a gente trata como eles tratam a água? A gente fala muito em tecnologia, eles usam a tecnologia lá, que a gente começou a usar há pouco tempo. Antigamente começou a irrigar a tomate, a melancia era por vala, não mais por micro gotejamento. Olha só o desperdício que era pra gente cultivar e ter uma agricultura sustentável. Então era muito caro, é muito caro. Quando eu falo muito caro, não é caro de valor, é caro de recurso. Quem hoje faz um plantio ou fazia um plantio de tomate, por exemplo, por vala, antes terminava o plantio, ele estava vendo o seu barreirinho, o seu açude secar. E hoje não, hoje quem usa dessa tecnologia ou dessas tecnologias, realmente colhe melhor. Então esse braço da transposição, que é o tema de hoje aqui, é realmente necessário para que a gente traga esse desenvolvimento que a nossa cidade e as cidades circunvizinhas merecem. Então isso é importante, e eu não tenho dúvida que a força política que a gente tem hoje, com o interesse desta Casa e a discussão em acessibilidade de um governador e de um presidente, isso vai acontecer. Eu não tenho dúvida, porque é isso que a gente caminha. É necessário pessoas com interesse, com visão e sensibilidade para que realmente as coisas saiam do papel. E, claro, nada disso seria útil se a gente não tiver consciência. Então, a gente tem que estar lá na creche, mostrando às crianças, para que, quando elas chegarem em casa, os pais também acompanhem, e não levem o que realmente os pais fazem em casa, lavando calçada, carro, enfim, que a gente realmente tenha esse cuidado necessário. Mais uma vez aqui, parabenizar o autor dessa discussão. Muito obrigado". Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra o senhor **Alex Wagner**, Secretário do Meio Ambiente do Município de Patos: "Meu, muito boa noite a todos. Cumprimentar primeiramente a Presidenta Tide Eduardo, no qual eu aproveito para cumprimentar todos os vereadores desta Casa Legislativa. Cumprimentar o meu amigo, o vereador e secretário Willa da farmácia, em nome do qual eu cumprimento todos os servidores, sociedade civil, todas as autoridades, os convidados aqui presentes. Antes de qualquer coisa, Presidente, eu gostaria de agradecer o convite a você e ao Vereador Héber, para parabenizar esta Casa Legislativa aceite essa propositura do Vereador Héber, na elaboração desta Audiência Pública. A Audiência Pública é um instrumento do poder público muito importante, que é utilizado para informar, discutir e, principalmente, a cobrar políticas públicas mais eficientes para a sociedade. E essa temática, segurança hídrica, é uma das temáticas mais importantes do contexto da região paraibana, do Estado da Paraíba, da região semiárida. Eu acredito, Héber, para que nós possamos tirar essa carta de intenção do papel, são necessárias apenas três coisas: articulação política, alto investimento e capacidade técnica. Eu concordo com o professor Mário, eu acho que nós estamos vivendo esse momento. Patos hoje é uma das cidades que mais cresce no Estado da Paraíba. O Estado da Paraíba hoje é um dos Estados que mais cresce no Brasil. E isso é graças à articulação política, a alto investimento e a capacidade técnica. Nós discutimos aqui, os parabens também a todos os professores, as autoridades que proferiram palavras aqui nesta Casa hoje. Foram muito felizes em argumentar pontos importantes, embora o tempo curto. E essa temática é fundamental. E como foi falado.



basicamente, os recursos hídricos, o abastecimento na nossa região, na região metropolitana de Patos, através do Vale do Piancó, do complexo Coremas/Mãe d'água e das adutoras e da adutora Coremas/Sabugi. Mas vejam que se nós falarmos apenas em mananciais, se nós falarmos apenas em investimento com adutoras, nós não garantimos a segurança hídrica da nossa região. E por que eu digo isso? Porque para que se tenha segurança hídrica, nós precisamos de um fator importante, Vereador Héber, que é precipitação, que é chuva. E para que nós tenhamos chuva, nós precisamos de um meio ambiente equilibrado, nós precisamos de um ciclo hidrológico funcionando. E para que esse ciclo hidrológico funcione, o ciclo hidrológico é um instrumento altamente complexo do meio ambiente, e para que nós tenhamos precipitação, nós precisamos de um meio ambiente ecologicamente equilibrado. Nós precisamos, como eu falei, de articulação política, como foi mencionado aqui o ramal do Vale do Piancó, que está sendo licenciado pelo órgão federal, que é o IBAMA. O licenciamento ambiental é uma das políticas públicas mais importantes da legislação ambiental, que vai verificar as condições ambientais. Porque, para que nós tenhamos um projeto eficiente, nós precisamos pensar em sustentabilidade. O projeto tem que ser economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente adequado. Então, todos os palestrantes e os autores aqui, eles proferiram essas palavras de forma indireta. Foi falado em política, foi falado em investimento e foi falado em capacidade técnica. Então, para que nós tenhamos essa segurança hídrica, para que nós possamos tirar essa carta de intenção do papel, eu acredito que nós precisamos dessas três coisas. E para finalizar, Presidente, como representante do poder público, como representante do Poder Executivo, eu me coloco à disposição para ajudar no que for necessário. Quando nós falamos em segurança hídrica, nós falamos em responsabilidade compartilhada. Então, é governo federal, governo estadual e governo municipal, assim como a participação do Poder Legislativo. Algo que Patos tem trabalhado muito bem nessa questão, não é à toa que vem crescendo tanto. Então é isso, eu me coloco à disposição, o Poder Executivo está para fazer o que é de obrigação, o melhor para a população patoense, para a região metropolitana e para todo o Estado da Paraíba. Um boa noite, meu muito obrigado”. Com a palavra, o **Professor Mário Leitão** disse: “Eu tenho um esclarecimento extremamente importante para esse relatório. Hoje eu passei no Rio São Francisco, onde é captada a água que vai para o Eixo Norte, ele só está com 25% (vinte e cinco por cento) da capacidade, ele pode aumentar para 100% (cem por cento), ou seja, ainda falta 75% (setenta e cinco por cento). Então tem muita capacidade da gente jogar água, não só aqui, mas no Nordeste inteiro”. A senhora Presidente disse: “O nosso muito obrigado a todos que compareceram a esta Audiência Pública. Foi uma honra ouvi-los na noite de hoje. Eu lhe digo, Professor, que era uma honra ouvir cada um aqui por mais tempo, mas eu agradeço a presença de todos. Não havendo nada mais a tratar, a senhora Presidente deu por encerrada a presente Audiência Pública, às vinte e uma horas e oito minutos.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 10 DE MAIO DE 2026.


VALTIDE PAULINO SANTOS
Presidente



MARCO CÉSAR SOUZA SIQUEIRA
1º Secretário "Ad hoc"



RAFAEL GOMES DANTAS
2º Secretário "Ad hoc"